

Representações do luto na literatura e na música: um estudo comparativo entre *É sempre a hora da nossa morte, Amém* e *Pedaço de mim*

Vitória de Jesus Costa de Paula¹

Márcia Manir Miguel Feitosa²

Resumo: Esse artigo tem como proposta uma análise comparativa entre a obra literária *É sempre a hora da nossa morte, amém*, de Mariana Salomão Carrara, e a música *Pedaço de mim*, de Chico Buarque, tendo como eixo de aproximação a representação do luto. A hipótese norteadora desta pesquisa é de que, por mais que pertençam a linguagens diferentes, literatura e música conseguem expressar o luto de maneira completa e simbólica. As obras foram escolhidas devido à intensidade poética notória em ambas ao tratarem o tema central. O objetivo principal desse artigo é compreender como o luto é representado nessas duas manifestações artísticas e se essas representações se assemelham. A metodologia utilizada será qualitativa, com abordagem comparativa entre as distintas obras analisadas. Para fundamentar a pesquisa, alguns teóricos terão destaque, como FREUD (1917); KUBLER-ROSS (1996) e KLEIN (1971).

Palavras-chave: luto; *É sempre a hora da nossa morte, amém*; *Pedaço de mim*; memória.

Abstract: This article proposes a comparative analysis between the literary works *É sempre a hora da nossa morte, amém*, by Mariana Salomão Carrara, and *Pedaço de mim* by Chico Buarque, focusing on the representation of mourning. The guiding hypothesis of this research is that, despite their different languages, literature and music can express mourning comprehensively and symbolically. The works were chosen due to the remarkable poetic intensity in both when addressing the central theme. The main objective of this article is to understand how mourning is represented in these two artistic expressions and whether these representations are similar. The methodology used will be qualitative, with a comparative approach between the different works analyzed. To support the research, some theorists will be highlighted, such as Freud (1917); Kubler-Ross (1996); and Klein (1971).

Keywords: Mourning; *É sempre a hora da nossa morte, amém*; *Pedaço de mim*; Memory.

Introdução

Literatura e música são duas expressões artísticas que, por mais que apresentem formas distintas, conseguem dialogar a partir dos sentimentos humanos que representam. A presente pesquisa busca analisar de que maneira o luto, que é uma experiência ao mesmo tempo subjetiva e coletiva, é representado na obra literária *É sempre a hora da*

¹ Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (UFMA) – PGLetras/CCH, pertencente à Linha de Pesquisa 3 – Estudos Teóricos e Críticos em Literatura.

² Professora Titular do Departamento de Letras (UFMA) e Bolsista de Produtividade do CNPq - 1D.

nossa morte, amém, de Mariana Salomão Carrara, e na música *Pedaço de mim*, de Chico Buarque. Tanto a narrativa ficcional quanto a composição musical tratam a dor da perda, ainda que, em diferentes nuances, se entrecruzam em perspectivas simbólicas. Por isso, busca-se compreender de que forma essas representações em diferentes tipos de arte conseguem traduzir o sofrimento ocasionado pela ausência, além da preservação da memória dos que partiram e da permanência do sentimento.

O livro *É sempre a hora de nossa morte, amém*, publicado em 2021 por Mariana Salomão Carrara, conta a história de Aurora, uma idosa que é encontrada desmemoriada na rua, chamando por um nome específico: Camila. Como ninguém sabe quem é essa senhora, ela é levada a uma casa de repouso onde fica sob os cuidados de uma assistente social chamada Rosa. Nessa casa de repouso, Rosa se incumbe da responsabilidade de tentar desvendar a memória de Aurora, porém, no decorrer do tempo, observa que essa não será uma tarefa fácil, pois as memórias de Aurora não seguem uma linearidade e frequentemente se contradizem. Por mais que existam distinções entre os relatos feitos por Aurora, um tópico que se repete na maioria de suas histórias é o luto.

A canção *Pedaço de mim*, composta em 1977 por Chico Buarque, foi inspirada na história de Zuzu Angel, estilista brasileira renomada, que teve o filho Stuart Angel morto durante a Ditadura Militar e passou a lutar incessantemente por encontrar o seu corpo. A música fala sobre a dor da perda de alguém que deixa uma lacuna em quem permanece e como essa lacuna não pode ser preenchida de nenhum outro modo. Com o passar dos anos, devido à sua letra carregada de simbologias, essa canção virou símbolo do luto materno e uma maneira de cantar a dor de perder alguém que se ama.

Baseado nas obras que serão trabalhadas nessa pesquisa, compreende-se que a escolha do tema do luto ocorreu devido à relevância que a discussão sobre esse tópico acarreta diferentes contextos sociais. A compreensão de como a arte, seja literária, musical, ou pertencente a outro campo artístico, representa a dor da perda, possibilita lançar luz em diversas dimensões da condição humana, como, por exemplo, as esferas emocional e simbólica. A escolha de comparar uma obra literária contemporânea e uma canção emblemática permite um olhar interdisciplinar entre as formas de ver e falar sobre

o luto, além de evidenciar a maneira como a linguagem pode servir de apoio para a expressão do sofrimento.

Portanto, essa pesquisa parte do problema: como o luto, que é uma experiência humana diretamente ligada à dor, ausência e memória, é representado na Literatura e na Música, principalmente na obra *É sempre a hora da nossa morte, amém*, de Mariana Salomão Carrara e na canção *Pedaço de mim* de Chico Buarque? Parte-se da hipótese de que Literatura e Música, por mais que pertençam a linguagens diferentes, compartilham de dimensões simbólicas equivalentes para representar o luto, o sentimento da perda e a permanência da memória, trazendo, assim, fortes contribuições para o entendimento desse sentimento oriundo da condição humana. Baseado nessas perspectivas, esse artigo se objetiva em entender de que maneira o luto é representado na Literatura e na Música e como essas representações convergem, já que trabalham o mesmo tema, sob óticas semelhantes, porém, em diferentes linguagens artísticas. A pesquisa será de natureza qualitativa e interdisciplinar, com base em análises comparativas entre a obra literária e a canção mencionadas como objetos de estudo. O aporte teórico se fundamentará em autores como: FREUD (1917); KUBLER-ROSS (1996) e KLEIN (1971).

Literatura e luto: aproximações

A Literatura sempre teve como direcionamento trabalhar as subjetividades humanas mais profundas, sejam positivas ou negativas. Não por acaso, o luto é assunto recorrente no campo literário. A dor de perder alguém, a tentativa de lidar com a ausência de quem partiu e com a memória que ficou dessa pessoa encontram na linguagem literária um ponto de reflexão e uma forma de expor essas subjetividades. Ao longo da história da Literatura, diversos autores se valeram do luto e da morte como temas centrais de suas narrativas, tratando-os como experiências que modelam as singularidades humanas. Desse modo, o luto no campo literário não é apenas um tema a ser trabalhado, mas sim uma vivência que, ainda que seja fictícia, possibilita ao leitor um contato direto com aquilo que há de mais recôndito na condição humana.

As representações do luto na literatura variam na forma como se apresentam, por vezes surgem de maneira explícita, a partir da morte de um ente querido, por exemplo, ou de maneira implícita, com a perda de um amor ou da identidade. Freud (1917, p. 142) afirma que “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. Assim, entende-se que o luto perpassa por camadas que vão além da ausência do corpo físico e, justamente por ser um campo amplo, a Literatura vê no luto matéria para sua arte, já que as perdas e os sentimentos ocasionados por ela podem ser mantidos através da palavra.

O luto na Literatura atravessa perspectivas culturais e estilos literários, fazendo parte de grandes obras clássicas literárias, como *Hamlet*, de William Shakespeare, e *A Morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói. No Brasil, a Literatura Contemporânea também se debruça sobre o tema. Autoras como Aline Bei, Conceição Evaristo e Mariana Salomão Carrara trabalham o luto em suas narrativas, explorando a subjetividade do tema e as ressignificações possíveis a partir do afeto e da palavra.

É nesse conglomerado de obras sobre a morte, a perda, a ausência e o luto que a obra *É sempre a hora da nossa morte, amém* (2021), de Mariana Salomão Carrara, se insere. O romance se destaca por representar o luto a partir de memórias que o leitor não sabe se são reais, porém, da mesma forma, introduz a personagem principal em um luto permanente. Aurora é uma idosa que foi encontrada na rua totalmente sem memória e chamando pelo nome de Camila. Ao ser levada para uma casa de repouso, começa, junto de sua assistente social, Rosa, a relembrar quem é. Todos os dias, Rosa anota em um caderno de memórias o que Aurora se lembra de sua vida, porém essas recordações nunca são iguais, apenas alguns pontos se repetem, como o fato de Aurora ter sido casada com Antônio e abandonada posteriormente. Dentro das diversas narrativas de sua vida, o que chama a atenção é o comum relato de ter tido uma filha chamada Camila. Durante os seus relatos acerca de sua filha, as histórias sempre finalizam em um tom trágico, com o falecimento dela, que acontece dos mais variados modos: suicídio, picada de escorpião, acidente na estrada, atropelamento de boi, comida quente que caiu na cabeça, fungo de pombo, coco que caiu na cabeça, cambalhota entre duas camas. A única semelhança

entre os relatos é que as mortes sempre ocorrem de uma fatalidade que Aurora não poderia evitar, pois os acontecimentos vão para além das possibilidades trágicas que ela imagina ao rotineiramente tentar proteger sua filha. Mello (2011, p. 191) diz que “O amor em análise é parte da elaboração dos lutos, um amor que suporta perdas, desligamentos e renúncias [...]” O desenrolar da trama mostra o luto de Aurora a partir das várias possibilidades de perda da filha, porém, em algumas de suas memórias, ela acredita que não teve filhos, ainda assim, o luto não se desfaz, ela o sente mesmo na falta de ter tido um filho:

Quando eu era uma mulher de trinta e cinco ou quarenta anos prestes a definitivamente não ter tido filhos o que eu mais imaginava em segredo é a velha que eu seria, e então eu dizia que tudo bem, eu pelo menos estaria grata pela vida que tive, sem tragédias, não ter um filho é praticamente certificar-se da ausência de tragédias. Cheguei, a velha que eu seria, e não há graça nenhuma na vida que eu tive, o despropósito de uma velha que não teve filhos é o da ponta de um cadarço que arrasta no chão, melhor cortar fora uns centímetros, que não faz diferença nenhuma. (Carrara, 2021, p. 109-110)

A figura dessa possível filha, seja morta ou contida na possibilidade de não a ter gerado, revela em Aurora uma ausência simbólica. Klein (1971, p. 8) explica que “A introjeção do objeto perdido permite que ele seja mantido vivo no mundo interno”. Mesmo com a perda da memória e sem saber se teve de fato uma filha, Aurora a adiciona em sua vida e em suas lembranças, ainda que em forma de ausência. O luto presente no romance pode ser visto tanto no enredo da protagonista quanto na forma de narrar a história. Aurora tem sua fala atravessada por fragmentos de memórias, repetições, incongruências, fatos e criações de sua mente, reflexões que não chegam a conclusões exatas. Menezes (2007, p. 08) diz que: “Rememoração e repetição, os pilares da transferência, são as formas que toma o mesmo na análise. Noto que o prefixo “re” indica repetição, insistência: refazer, repensar, recopiar, rever etc. Repetir é manter, preservar, é evitamento da perda, é economia de um trabalho de luto”. Aurora tenta lembrar do que foi perdido a partir de repetições de suas memórias, e por mais que nem todas as memórias lembradas sejam verdadeiras, percebe-se que o ato da repetição é a maneira que ela encontrou para salvaguardar o seu luto. Luto esse que está presente inclusive no cenário em que ela não teve filhos.

Portanto, a literatura se mostra nessa obra como espaço de resistência diante da perda. Falar sobre o luto é uma maneira de manter viva a memória do ente querido que se foi, já que a partir dela as lembranças se consolidam junto com a palavra, preservando de algum modo a presença, não obstante de maneira simbólica e subjetiva, daquele que partiu.

Música, luto e memória

Da mesma maneira que a Literatura, a Música é um dos meios mais utilizados e significativos para expressar o luto. Associando o som, a letra, a voz, a música, possibilita dizer o que parece ser indizível, permitindo que a dor da perda se transmute em algo audível. Ao longo da história da música, o sentimento voltado à ausência sempre esteve presente de maneira recorrente, podendo perpassar pelo viés simbólico em rituais fúnebres ou apenas para auxiliar o enlutado a passar pela fase de dor. O luto que se observa nas canções é normalmente mais íntimo, subjetivo e vai ao encontro de memórias e afetos existentes entre aquele que ouve e aquele que partiu.

É nesse contexto que se insere a canção analisada neste artigo: *Pedaço de mim*, composta por Chico Buarque. Essa canção teve como inspiração a história de Zuzu Angel, estilista brasileira de renome que teve seu filho morto durante o período ditatorial e, por isso, passou a vida em busca do corpo de seu filho, que ficou desaparecido, impossibilitando-a de lhe dar um fim digno. Chico Buarque, amigo e testemunha ocular do caso, compôs a música em sua homenagem, música essa que, com o passar dos anos, viraria um símbolo do luto para muitas outras pessoas que, ao ouvirem a canção, ficariam tocadas. O processo até chegar a essa composição é sintetizado por Bezerra e Barcelos (2020, p. 887):

O artista testemunhou de diversas formas a história de Zuzu e o período da ditadura civil-militar. [...] Chico compôs canções sobre a dor da história particular e sobre a dor daquele período histórico, que ele também viveu. O músico e a estilista faziam parte do mesmo grupo de pertencimento, nomeado neste trabalho de classe média intelectualizada. Chico Buarque foi submetido, desde 1966, à censura de várias de suas produções, tendo sido detido em sua própria casa, após a decretação do Ato Institucional nº

5, em 1968, e decidido se exilar no ano seguinte. Em seu retorno do exílio, foi um dos artistas a receber uma das cartas-denúncia de Zuzu. É, portanto, testemunha não imparcial.

Zuzu Angel não teve a chance de velar o corpo do filho. A dor dela, bem como a dor de diversas outras mães, especialmente as que sofreram perdas no período ditatorial, que abrange o período em que a música foi composta, tornou-se um símbolo de luto. Chico Buarque transformou essa dor em poesia para sua música, por isso a música ressoa até os dias atuais como símbolo da ausência de alguém amado:

Pedaço de mim

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior que do que o esquecimento
É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim
Oh metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Leva os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor

Adeus (1997)

A letra da música repete em todos os versos uma estrofe iniciada em: “a saudade é...” Em cada estrofe, surge uma nova significação para ela: “o pior tormento”, “dói como um barco”, “o revés de um parto”, “dói latejada”, “o pior castigo”. Observa-se que o eu lírico está totalmente envolvido com o luto da parte que lhe falta, a ponto de comparar o luto ao parto, porém a um parto invertido. Nota-se que, ao invés de gerar a vida, que é o acontecimento principal vinculado ao parto, a saudade é citada como revés do parto, já que retira algo, separa. Os versos “pedaço de mim”, que inclusive intitula a canção, e “metade arrancada de mim” evidenciam esse luto profundo em que o eu lírico está inserido, dando-lhe uma ideia de incompletude. O sujeito, por enfrentar o luto, pensa que uma parte de si foi levada junto com aquele que se foi. Ana Suy (2022, p. 28) explica a ideia de falta:

Com frequência, pensamos que, no amor, encontraríamos a parte que supostamente nos falta, a parte que nos livraria da nossa própria falta, a parte que nos preencheria. No entanto, no amor, o que se experiencia é o contrário. Quando amamos alguém, nossa falta tende a ser duplicada. Ao encontrar um amor, a gente não encontra a parte que nos faltava até então. A gente encontra a metade que fará falta a partir dali.

Assim, é possível compreender que, durante o processo de luto, essa falta é oriunda de uma ausência que não tem como ser sanada, por isso, torna-se um processo ainda mais doloroso e solitário, pois só existia uma possibilidade de preencher a falta e ela não existe mais.

Além da letra da canção, a melodia e as interpretações que a música já teve carregam o peso do luto. Nota-se que, na versão de Chico Buarque com participação de Zizi Possi, os intérpretes carregam esse lamento na dor ao cantar essas palavras. *Pedaço de mim* é uma canção de luto, um luto que foi mirado no individual e atravessou o coletivo. A estrutura da música mostra que o luto não é concebido apenas de lágrimas, mas também de silêncios e principalmente de memórias.

Assim, pode-se observar que Literatura e Música possibilitam evidenciar o espaço da memória a partir de suas respectivas expressões, já que permitem que o sujeito ausente se faça presente por meio do afeto e da linguagem.

Literatura, música, luto: convergências

Como se pode notar, a Literatura e a Música funcionam como terrenos férteis para compartilhar a dor através da linguagem, isso se dá pelo fato de que ambas expressam simbolicamente a experiência humana. Nessas duas artes, é possível construir emoções e memórias. Esse espaço de convergência permite que alguns temas universais como o luto, o amor e a morte sejam analisados e possibilitem um entrecruzamento. Kubler-Ross (1996, p. 108) menciona que “muitas vezes, é na arte que encontramos as palavras que não conseguimos dizer no luto”. Ao aproximar essas duas linguagens, observou-se que a arte, independentemente do código utilizado para sua manifestação, tem o poder de traduzir e transformar sentimentos em experiências sensíveis, seja para quem lê ou para quem ouve.

O luto afeta diretamente a linguagem, já que o processo é tão doloroso que, por vezes, faz com que o sujeito perca a capacidade de se expressar, ainda que momentaneamente. Além disso, esse processo não é linear, tampouco homogêneo, é um processo totalmente subjetivo em que tempo, vivência e até mesmo o modo de lidar variam de pessoa para pessoa. Ademais, existem diversas possibilidades de vivenciar o luto, que extrapolam o conceito de morte, como, por exemplo, finalização de vínculos, rupturas com pessoas/espacos importantes, entre outros. Esse lugar tensionado entre dor e palavra, que ora surge, ora cala, é onde potencializa a convergência das linguagens artísticas, como literatura e música.

Tanto no romance *É sempre a hora da nossa morte, amém* (2021), quanto na música *Pedaço de mim* (1977), o luto surge como elemento essencial. Em ambas as obras, nota-se que a ausência do sujeito amado não é somente narrada para o leitor/ouvinte, como também a presença desse mesmo sujeito é entendida de forma subjetiva, expressa nos pormenores dessas obras, pois, como explica Nasio (1997, p. 163), o luto de um ser amado é uma soma de variadas perdas:

O que se perde com a morte do ente querido é, primeiro, a imagem de mim mesmo que ele me permitia amar. O que perdi, antes de tudo, é o amor a mim mesmo, que o outro tornava possível. Isso significa que o que se perde é o eu ideal, ou mais exatamente o meu eu ideal ligado à pessoa que

acaba de desaparecer. Digo a “pessoa”, mas o que ela é realmente? Certamente, podemos concordar que, por ocasião da morte de um ser amado, perco um determinado eu ideal, próprio da nossa relação de amor e de desejo. Mas será que perco apenas isso? Sem dúvida, eu era o objeto, mas ele, o que era ele exatamente? Ele não era o meu eu ideal, mas o suporte real desse eu. Entretanto, outra coisa foi levada com a sua morte. O que partiu com ele não foi apenas o meu eu ideal, mas o suporte vivo que era a sua pessoa, isto é, o seu cheiro, o timbre da sua voz, o encanto da sua presença. O que perco ao perder o meu amado é a pulsão, o corpo pulsional, ou, mais exatamente, o objeto pulsional que dava consistência à minha imagem — eu ideal — que ele me dava a amar.

Mesmo com a diferença de gênero, tempo, ano de criação da obra, cenários, personagens, estilos, percebe-se que as criações artísticas se aproximam por construírem de maneira semelhante a dor da perda de forma poética, sem esconder o lamento ou a parte doída que anda lado a lado com o luto.

Na obra de Mariana Salomão Carrara, o luto é um espaço tão dolorido que ocasiona a perda de memória da personagem principal. Ainda que ela tente se distanciar do possível luto que enfrenta, ele retorna em forma de memórias embaralhadas que lhe fazem passar pelas suposições de como aconteceu a morte de sua filha. Essas lembranças, mesmo que não sejam totalmente verídicas, reafirmam que, apesar de ser uma mãe considerada dedicada, não é possível salvaguardar um filho de todas as tragédias a que ele pode ser acometido. Até mesmo na memória em que ela pensa não ter tido filhos, observa-se que seu foco maior era “evitar tragédias”, como se já soubesse da possibilidade do luto e quisesse evitá-lo a todo custo. A narrativa é fragmentada, pois o leitor depende das recordações diárias de Aurora, às vezes semelhantes, outras discrepantes. Essa fragmentação também pode ser vista na própria estruturação do livro, que contém capítulos curtos e ausência de respostas.

Pedaço de mim, de Chico Buarque, retrata uma perda baseada na ausência física de alguém amado. A canção, inspirada na história de Zuzu Angel, tornou-se, com o passar dos anos, um símbolo do luto. O eu lírico apresenta sua devastação perante a ausência que a assola, sua incompletude, que é tão dilacerante a ponto de fazê-lo sentir-se mutilado.

Nas duas obras, a ausência se faz presença constante. Camila resiste na memória de Aurora de algum modo, bem como a dor de perdê-la e todos os medos que povoam,

concomitantemente, a vida de Aurora relacionados à sua filha. Da mesma maneira, o filho morto na Ditadura Militar permanece no corpo da mãe enlutada, que, mesmo sobrevivendo com a dor, luta para trazer o mínimo de dignidade ao filho já morto. Assim, nota-se que o luto é narrado como permanência, não como algo encerrado, é sobre o sentimento que fica. Como afirma Kubler-Ross (1996, p. 92), “Aceitar a morte é um processo, não um instante”. Tanto no livro quanto na música, fica clara essa perspectiva processual em que o luto está inserido. Mello (2011, p. 190) destaca que “Precisamos lembrar para então esquecer. O que se resgata do inconsciente é o que foi mal enterrado”. A arte possibilita a preservação da memória de maneira mais bonita, auxiliando no processo dolorido e, por vezes, longo, do luto.

Outro ponto de convergência entre as obras é a presença, mesmo que de maneira simbólica, de mulheres enlutadas. De um lado, a narrativa da vida de Aurora, que vive um luto por uma de que não tem certeza se existiu; do outro, a inspiração na história de Zuzu Angel, que viveu um luto que lhe impossibilitou, entre tantas outras coisas, a despedida. Essas mulheres simbolizam não apenas a dor, como também a resistência.

Literatura e Música, em ambas as obras analisadas, não apenas colocam o luto como pano de fundo, mas se valem dele como corpo para a composição de suas obras, fazendo com que o leitor do livro e ouvinte da canção possam sentir, a partir da expressão estética utilizada em cada obra, a ausência. A aproximação das obras acontece por meio da conquista de transformar um sentimento individual em um espaço coletivo para lidar com o luto.

Conclusão

Ao analisar simultaneamente o livro *É sempre a hora da nossa morte, amém*, de Mariana Salomão Carrara, e a canção *Pedaço de mim*, de Chico Buarque, foi possível constatar que o luto, por mais que seja uma experiência individual e subjetiva, pode ser representado por diferentes formas artísticas e alcançar o coletivo. Mesmo que Literatura e Música possuam linguagens específicas, ambas as obras conseguem convergir ao

transformar uma dor, que por muitas vezes é silenciada, em arte, com a possibilidade de ampliação social.

Nesse sentido, ambas as artes estudadas atuam na transmutação da dor da perda em linguagem poética, de modo que o sofrimento causado pelo ente querido é partilhado e, de alguma forma, acolhido.

A hipótese da pesquisa foi confirmada, na medida em que tanto a literatura quanto a música alcançam o potencial de expressar o luto, por mais complexo que seja esse sentimento. Aurora, senhora idosa desmemoriada que vive em busca de si e dos seus em suas memórias, e Zuzu Angel, mãe que perdeu o filho de maneira covarde e que foi impossibilitada de dar dignidade à sua morte, por mais que se distanciem em relação ao tempo cronológico e em relação à realidade e ficção, são unidas pela dor, pelo luto, pela ausência e pela continuidade, mesmo após tudo isso.

Portanto, essa pesquisa reforça a ideia de que a arte é um terreno fértil para se pensar em qualquer assunto, incluindo a morte, o luto, a perda, a ausência e a memória, principalmente em tempos nos quais o sofrimento rotineiramente é ignorado ou diminuído. Ao dar voz a essas ausências, tanto a literatura quanto a música se tornam espaços de permanência, fazendo com que o que foi perdido possa permanecer vivo de alguma forma, mesmo que como um pedaço, uma lembrança, uma história a ser contada, uma cicatriz, uma memória.

Referências

BEZERRA, Amilcar Almeida; BARCELOS, Patrícia. Cantando a dor do outro: o caso Zuzu Angel e a canção como testemunho na obra de Chico Buarque. **RECIIS**, [S. l.], v. 14, n. 4, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v14i4.2038. Disponível em: <<https://www.recis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2038..>> Acesso em: 15 jul. 2025.

CARRARA, Mariana Salomão. **É sempre a hora da nossa morte, amém**. São Paulo: Editora Noz, 2021.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 142-153.

Revista Littera – Estudos Linguísticos e Literários

PPGLetras | UFMA | v. 16 | n.º 32 | 2025 | ISSN 2177-8868
Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão**: nosso mundo adulto e outros ensaios. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 2021.

KLUBER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MELLO, Jansy Berndt de Souza. Amor, luto e psicanálise. **Ide (São Paulo)** [online]. 2011, vol.34, n.52, pp.185-192. ISSN 0101-3106.

MENEZES, Luís Carlos. A linguagem e o trabalho de luto na rememoração. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 30, n. 45, p. 8-12, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062007000200002&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 08 jul. 2025.

NASIO, J. -D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 1997. “Pedaço de mim”. **Chico Buarque**. Disponível em: <https://www.chicobuarque.com.br/obra/cancao/206>. Acesso em: 5 jul. 2025.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.